

“O MAR EXIGE RESPEITO”: IMAGEM E MEMÓRIA DE PESCADORES DE SÃO FRANCISCO DO CONDE- BA

Davi Henrique Correia de Codes (UEFS)
davidecodes@gmail.com

Fábio Pedro Souza de Ferreira Bandeira (UEFS)
fpbandeira@gmail.com

INTRODUÇÃO

“A Baía de Todos-os-Santos (BTS) é uma região de grande importância histórica, ambiental e sociocultural para o Brasil. Apresenta alta diversidade biológica associada aos remanescentes de mata atlântica, manguezais, restingas e áreas úmidas que são a base da subsistência de centenas de comunidades ribeirinhas que nela habitam. Esta também é uma região que vem sofrendo mudanças socioambientais significativas, sobretudo a partir dos processos de urbanização e industrialização que tem se intensificado desde os anos sessenta” (BANDEIRA et al., 2009).

Diante de tal problemática é que se faz necessário as discussões em educação ambiental, contemplando tanto os conhecimentos científicos como os aspectos subjetivos da vida, que incluem as representações sociais, cabendo à sociedade a busca de novas formas de pensar e agir para suprir as necessidades humanas e, ao mesmo tempo, garantir a sustentabilidade ecológica (OLIVEIRA et al., 2007)

“Populações de pescadores e marisqueiras, que têm interagido com os ecossistemas e a biodiversidade da BTS por gerações sucessivas e que por isso desenvolveram conhecimentos, técnicas de manejo, valores e crenças sobre esses recursos e a dinâmica do ambiente, apresentam-se como atores dos conhecimentos ambientais que eles integram. Seu “olhar” e sua “leitura”, enfim, sua percepção sobre essas questões são altamente relevantes na medida em que: (1) podem contribuir com o sistema de vigilância ambiental estatal e municipal; (2) podem ajudar a reduzir as expectativas e a insegurança, dessas mesmas populações, sobre os riscos ambientais potenciais; (3) podem mobilizar as populações e comunidades em torno da solução conjunta, Estado-Sociedade-Empresas, de problemas ambientais que as afligem” (BANDEIRA et al., 2009).

Visando este potencial individual e coletivo da população local, este trabalho procurou encontrar em sua percepção ambiental e estratégias de uso do ambiente, as diretrizes para a definição de uma política de relacionamento entre empresas, o Estado e participação

efetiva da população. Como ainda, uma ressignificação das estratégias de conservação até então desenvolvidas.

Além disso, a memória registrada neste trabalho almeja compreender a constituição cultural e produtiva que caracteriza esta população em questão. Para tal, o desenvolvimento deste trabalho contou como mecanismos para obtenção da coleta de narrativas e memórias de indivíduos da comunidade local, o formato da História Oral (AMADO & FERREIRA, 2006) e ainda como suporte estético e interpretativo, o registro audiovisual de seus depoimentos e ambiente (ALVES, 2004). Este acervo iconográfico, quando somado ao já existente no município e ao elaborado pelos próprios pescadores, nos permitiu avaliar sequências de transformações na paisagem e nos modos de vida, além de significados de alguns elementos locais e componentes importantes na cultura pesqueira da região.

A História Oral, assim como o uso de fotografias são ferramentas ainda incipientes no campo da Etnoecologia, contudo, estas vêm contribuir nos inventários e análises dos conhecimentos tradicionais sobre o meio ambiente que se constituem em alternativas significativas para sua conservação e manejo.

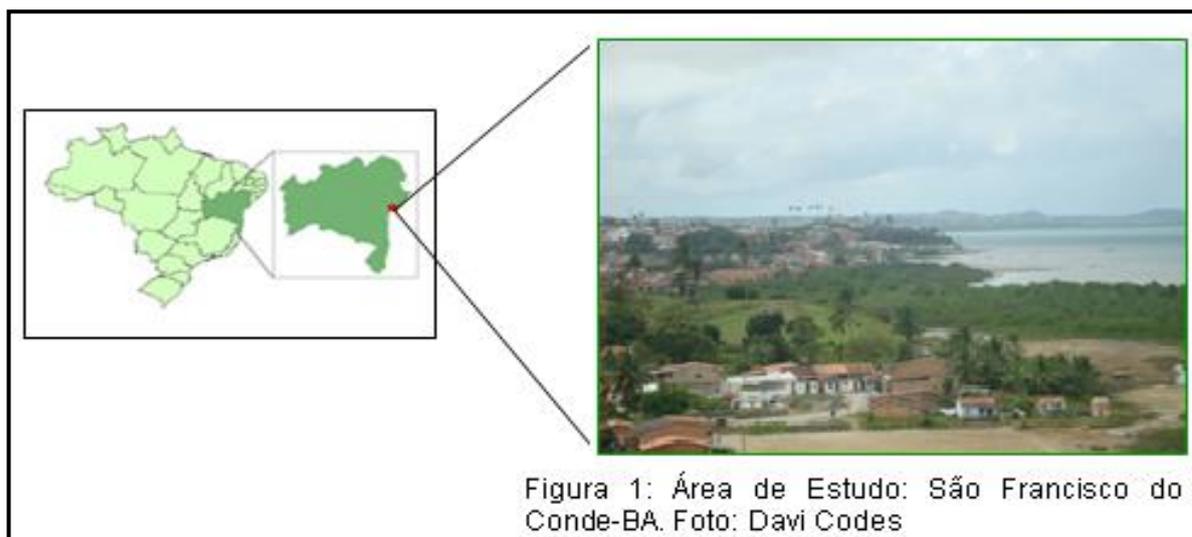
Deste modo, o objetivo geral deste trabalho foi, a partir das narrativas e registros fotográficos da dinâmica local, compreender a percepção dos indivíduos sobre o meio ambiente, somando aos conhecimentos científicos a memória popular como fonte de compreensão da relação homem e natureza. Analisando desta forma, aspectos da cultura da comunidade do São Francisco do Conde- BA, com foco na educação ambiental, como parte fundamental da conservação do ambiente e da reprodução sociocultural do grupo.

Além de analisar fotograficamente as práticas da comunidade, e em diálogo com as narrativas, se buscou reconstruir a memória sobre o meio ambiente e alguns aspectos culturais da comunidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

A cidade de São Francisco do Conde está localizada no interior da Baía de Todos os Santos. Fundada no ano 1697, encontra-se a onze metros de altitude em relação ao nível do mar, com uma área absoluta de 184km². Possui clima quente e úmido com temperatura média de 24.3°C, além de uma população total de 31. 699 habitantes (IBGE, 2009). Possui uma arrecadação municipal de impostos ligados à produção e refino de petróleo pela Refinaria Landolfo Alves (RLAM), da Petrobrás, de cerca de R\$ 200. 000. 000 de reais por ano (idem).

O município é marcado por inúmeros impactos e riscos ambientais, como derramamento de óleo, fenômeno da maré vermelha e futura construção do EcoResort na Ilha de Cajaíba, situada à frente da sede do município, a cerca de 40 metros. O ambiente local é caracterizado por extensas áreas de manguezais, tem sofrido impactos gerados pelos projetos desenvolvimentistas, o que interfere nas práticas e na dinâmica de vida dos moradores que estão diretamente ligados a esses recursos.



Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros construtos profundos das relações que não podem ser reduzidas à operacionalização de variáveis (GODOY, 1995; DUARTE, 2002).

Visando a compreensão da percepção ambiental, foi feito o uso e análise de imagens a partir do instrumento fotográfico, para registro, interpretação e exposição dos dados, segundo a Etnografia Visual (ALVES, 2004), onde mais do que recortes da realidade, representam a forma como uma pessoa olha o mundo e se relaciona com ele, ferramenta não apenas de registro, mas de interpretação e exposição dos dados, os quais não se limitaram apenas aos perfis físicos ambientais, mas, sobretudo aos modos de vida local.

Paralelamente ao registro e constituição de um inventário do projeto, os depoentes da pesquisa, três mestres locais que já obtiveram suas narrativas coletadas anteriormente pelo mesmo pesquisador, receberam máquinas descartáveis (Anexo 1) para construção de acervos fotográficos próprios (FREIXO e TEIXEIRA, 2008), tendo como objetivos desta captação, registrar: 1- elementos ambientais simbólicos para sua memória; 2- elementos ambientais correlacionados ao seu modo de vida, incluindo signos socioculturais; e 3- elementos de pertencimento ao ambiente. O que segundo estas mesmas autoras, tornam a fotografia um

instrumento de diálogo na reconstrução da memória do lugar, tomando como principais instrumentos de análise, as fotos êmicas (produzidas por pessoas do lugar).

Contudo, por não ser possível registrar em imagem o que ela representa para o seu dono, todas as histórias nas quais esteve envolvida, enfim, o seu conteúdo simbólico, tais fotografias êmicas foram apresentadas aos seus autores e seus sentidos narrados (GEERTZ, 1978). As narrativas foram gravadas e analisadas, baseando-se no formato da história oral, onde segundo Amado e Ferreira (2006) são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano.

As imagens construídas pelos pescadores, ao serem descritas e narradas terão seu sentido construído pelos depoentes, por não possuir um sentido que lhe seja inerente (DARBON, 2005) utilizando a fotografia como ativadora da memória (LE GOFF, 2003). Esta etapa funcionou ainda como um momento de revisão e aprofundamento das categorias analíticas já definidas pela pesquisa.

Para além das anotações em caderno de campo, as entrevistas foram gravadas em formato audiovisual mediante explanação das intenções e consentimento prévio de utilização deste registro para fins acadêmicos e não lucrativos.

Para tratamento dos depoimentos foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo segundo Bardin (1977).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas três entrevistas com pescadores, sendo eles: Seu Dé, Seu Veinho e Seu Zequinha. Mais de 2 horas e 30 minutos de entrevistas acerca das descrições das fotografias foram obtidas. Para a realização destas entrevistas foi elaborado um roteiro associado às construções das imagens fotográficas. Dentre algumas das indagações é possível citar: 1- As motivações que levaram a essa imagem; 2 – Os elementos que existiam na imagem; 3 – O que ela representava; 4 – Onde era; 5 - Representações agregadas, como: o mar, mangue, mata e outros; 6 – Quais seriam as imagens prediletas e suas razões.

Para melhor ilustração do apresentado pelas narrativas, seguiu-se optando pela formulação de Categorias Analíticas. Estas, muito bem definidas dentro das narrativas. Por fim, as categorias são: Cultura da pesca; Mudanças na paisagem; Relações homem/ambiente; Representações do ambiente; Conflitos socioambientais; Locais da memória; Narrativas maravilhosas. Estas duas últimas terão seus exemplos tratados neste trabalho.

Todavia é importante realçar que essas duas categorias identificadas, revelam novas possibilidades na utilização da História Oral, assim como, a formulação de uma hipótese para o uso da Imagem e sua potencialidade para germinar motivações nos sujeitos narradores de se abrir para sua subjetividade. Esta percepção se dá pela ausência destas categorias no primeiro ano do trabalho, mas que surgem neste momento simplesmente pela própria característica da dinâmica de construção das imagens fotográficas. Os pescadores elegiam localidades, espaços, paisagens, objetos e desta maneira foram construindo a partir daí suas narrativas sobre o capturado ou “causos” passados relacionados àquela composição, diferentemente da metodologia básica da História Oral, onde os lugares surgem em ordem inversa, nomeados após a sua intenção de citá-los ou ainda não citados.

1- Lugares da Memória

Nesta categoria, as narrativas se apoiam num espaço físico, ou ambiente específico para relatar sua versão da história, ou acontecimentos ali ocorridos. Por vezes, expressam algum sentimento agregado individualmente, ou ainda, importância sociocultural coletiva para a cidade ou para os pescadores. Como citado:

“aqui é o Mercado Cultural, aqui é aonde acumula toda cultura da cidade. Em qualquer evento é dentro desse mercado, que esses eventos culturais são os eventos que realmente já são eventos centenários. Esse mercado é um mercado muito antigo, é aonde antigamente, o evento era diferente, era capoeira, era samba de roda, era candomblé. Hoje, modificou esses tipos de eventos, nesse mercado, como apresentações de bloco, e também é onde se vê fotografia histórica da cidade...”(Seu Dé)

2- Narrativas Maravilhosas

Tomando como aporte conceitual os fundamentos do memorialista francês Jacques LeGoff, o “maravilhoso” diz respeito ao mundo do sobrenatural e do extraordinário e é um elemento constituinte da cultura mental de um povo, em particular, das sociedades de matrizes não urbanas. Neste sentido, se tratam de “causos” surpreendentes ou enigmáticos que envolvem as pessoas e ações realizadas junto ao ambiente.

“Numa ocasião a gente panhò uma canoa, qualquer canoa dos outros, que a gente ia, voltava logo, era de noite, a canoa tava a disposição, e aí, nós panhò a canoa e foi fachear (técnica de pesca em água rasa com facão, feita a noite com um fecho de luz, no caso, o fogo). Primeiro, a gente

na hora de vir embora, andou mais ou menos sessenta minutos pra achar essa canoa, sem achar. Quando nós avistou a canoa, ai, um cara sentado na canoa, sentado fumando um charuto. Dai, a gente –Ah! A canoa é aquela- ai o companheiro disse – Não, mas ali é outro pescador que ta fumando na canoa- Daí nos começou a andar(...) quando chegou lá, era a canoa, não tinha ninguém na canoa! Sentia só aquela fumaça. Ai, nós pegou, entrou na canoa e veio embora. No meio do mar a canoa arrombou! A gente tirou camisa pra tentar tapar o furo da canoa pra chegar em terra e os outros dois, remando. Ai nós conseguimos chegar em terra, marrou a canoa e veio embora, pra que ninguém visse a gente chegando na canoa pra não dizer que a gente roubou a canoa. No outro dia que a gente veio olhar a canoa, a canoa não tinha nada!...Tava inteira, tava perfeitazinha! A merma canoa!” (Seu Dé)

3- Cultura de Pesca

De modo geral e inicial, a categoria Cultura de Pesca é referente aos marcos contextuais da trajetória da profissão, contemplando elementos individuais e coletivos relacionados à construção e consolidação da cultura pesqueira e o modo de vida de seus atores.

4- Etnoconhecimento

Em se tratando da categoria analítica Etnoconhecimento, esta é orientada pelo enfoque Etnoecológico - onde as formas de apropriação da natureza por grupos humanos se dão conforme suas próprias imagens - esta categoria aborda os conhecimentos e técnicas de manejo desenvolvidas pelos pescadores sobre os seus recursos naturais.

5- Mudanças na Paisagem

Tal categoria vislumbra a vasta interlocução temporal em que o ambiente se altera. Através das narrativas factuais e/ou de “causos”, visa às diferenças encontradas no ambiente local do passado até o presente e/ou em trânsito para o futuro. Mostra-se de grande importância para se avaliar as sequências de transformação da paisagem, do meio ambiente rural e urbano e das relações econômicas e socioculturais no município de São Francisco do Conde.

6- Relação Homem/Ambiente

Relatando as possibilidades das relações existentes, esta categoria engloba narrativas que expressam os diferentes modos de associação das partes, através do seu usufruto, presente não somente nas esferas do trabalho, mas, sobretudo, nos modos de interligação em todo o cotidiano.

7- Representações do Ambiente

As narrativas que aqui se encaixam seriam as mais carregadas de subjetividade. Sentidos e significações trazidos não apenas das relações e percepções materiais, como ainda, relatos carregados da poesia que compõem os marcos identitários de uma comunidade ribeirinha. As crenças e os valores ligados ao ambiente.

8- Conflitos Socioambientais

Dentro das narrativas foi possível identificar muito claramente como toda relação existente entre os próprios depoentes e seu ambiente, em algum momento é atravessada por outros setores ou atores. Neste sentido, identificando esta relação como conflituosa, ou seja, caracterizada por diferentes interesses, pontos de vista ou visão sobre o ambiente, foi que a categoria Conflitos Socioambientais se instaurou, acolhendo as narrativas dos relatos correspondentes a toda memória em disputa.

Etnografia Visual

Algumas experimentações do registro da paisagem local e da dinâmica cotidiana foram realizadas, tendo os diversos perfis físicos de uso do ambiente dos depoentes entrevistados, como o mangue, seu bairro, a ilha e o mar, sido obtidos através das fotografias.

A criação do acervo iconográfico gerado neste trabalho, elaborado pelo pesquisador, consta de cerca de 400 fotografias em suas diversas expressões, tanto em horário diurno quando noturno. A edição artificial das imagens foi simplória, visando manter as condições originais dos registros imagéticos, valendo-se suficientemente da análise dos signos e sentidos capturados pela câmera usada (NIKON D3000). Em algumas ocasiões foi necessário se utilizar a transformação de coloração, com a passagem de imagens coloridas para o preto-e-branco, buscando a evidenciação dos signos socioculturais em contraponto aos demais elementos registrados.

O acervo construído pelos pescadores consiste de aproximadamente 50 fotografias. Foram realizadas pelo uso da máquina descartável (KODAK) oferecida pelo pesquisador para a realização da experimentação.

O acervo disponibilizado em parceria com os órgãos públicos foi cedido pela Assessoria de Comunicação da Prefeitura de São Francisco do Conde e ainda, pela Secretaria de Meio Ambiente, Agricultura e Pesca.

Para ilustrar o trabalho realizado foram trazidas algumas das imagens obtidas no percurso do projeto. Estas simbolizam o esforço técnico e estético na busca das expressões do cotidiano de São Francisco do Conde em sua interface com o ambiente. Assim como algumas imagens tanto do acervo local, quanto dos pescadores.

Além disso, na sequência se colocaram as experimentações em Plano, elaborada pelo pesquisador e propõem uma nova formatação estética-técnica da apresentação de produtos audiovisuais que não podem ser transpostos para a formatação escrita, mas se configuram de igual maneira como resultado desta pesquisa.

1- Prancha da análise da imagem Êmica

De modo a exemplificar a dinâmica de análise das fotografias obtidas pelos próprios pescadores e seu momento de descrição narrativa, é apresentada uma prancha da dinâmica de análise, registrada em audiovisual, somado ao texto narrado pelo pescador, e ainda, imagens congeladas do momento da entrevista, que exibem expressões e marcas do sujeito narrador em seu momento de verbalização da memória. Para esta análise, foi selecionada uma fotografia tirada por Seu Veinho.



Foto 25: São Francisco do Conde, 2012, Seu Veinho

Nesta imagem, *a priori* e partindo de uma leitura objetiva da composição dos elementos da imagem, é possível visualizar: um chão molhado, um pequeno coqueiro, uma tenda à direita, uma lona encobrindo algo à esquerda e bem centralizado, cinco banheiros

químicos. Desta maneira, e sabendo-se que este contexto de elementos está relacionado com a festa de São João, período próximo ao qual esta fotografia foi realizada, conjecturamos desta maneira que a narrativa a ser apresentada por Seu Veinho, possivelmente estaria relacionada a este contexto Junino. Dizemos possivelmente, inclusive porque não temos certeza desta motivação. Poderíamos imaginar que sua narrativa relacionar-se-ia à festa, à sujeira ou dejetos que se acumulam a cada dia; ou ainda, o quanto se gastou em infraestrutura para minimizar a poluição gerada por uma festa realizada próxima ao mar; ou ainda, uma campanha para que as pessoas não realizassem suas necessidades fisiológicas nas áreas de mangue ou maré, evitando assim a sujeira para os pescadores, ou até mesmo, riscos de afogamento.

Contudo, nos surpreendemos quando ao narrar, Seu Veinho percorre um caminho muito mais complexo e antigo que o da composição material existente nesta imagem. Ele secundariza os objetos ali apresentados, tomando-os apenas como um passageiro cenário de um território de disputa e ressentimento da memória coletiva em São Francisco do Conde.

Onde ali se encontram, atualmente, as cabines de banheiro público, esconde-se ao fundo a Ilha de Cajaíba, marco histórico do período colonial. Mais relevante ainda é o espaço físico e simbólico do que antes era, neste exato local onde estão as cabines, o depósito de armazenamento dos materiais de pesca não apenas de sua geração, legitimado, inclusive, pela contextualização histórica do uso do espaço pelos antepassados indígenas ali viventes e suas práticas tradicionais de pesca e caça que até hoje são conservadas por Seu Veinho e seus companheiros pescadores da localidade.

Neste sentido, demarca muito enfaticamente o quão desolador é ter vivenciado o “desmanche”, digo, a retirada deste local de armazenamento do local de onde ele se encontrava, não para ser substituído por outro local, mas apenas suprimido por uma intenção meramente estética e oriunda de interesses de uma minoria detentora do poder local.

Seu Veinho ratifica sua crítica, nomeando empresas como a Petrobrás, ou ainda, a própria prefeitura, como sendo responsáveis pelas modificações ambientais, seja em âmbito físico, seja legislativo, na cidade de São Francisco do Conde e que prejudicam toda a sua classe de pescadores. Uma trágica lembrança que nos remete à obra de Castellucci Júnior (2007) em seu livro “Pescadores da Modernagem”, cujos pescadores e moradores de uma vila chamada Tairu, na ilha de Itaparica-BA, vivenciam há muito um processo semelhante de descaracterização e declínio cultural, cerceamento de uso do espaço físico ou ainda, completa desassistência acerca da preservação das tradições e patrimônio imaterial por conta da urbanização e da especulação imobiliária, enfim, da modernidade.

2- Prancha 1. Seu Veinho e o Antigo Tijupá, 2012.



“Isso aqui são uns banheiros... na festa de São João, aqui na orla aqui, que botaram uns banheiro aqui. Aqui é uns pé de coco, ai é pegando com Cajaíba... tem o coco com Cajaíba... era pra pegar Cajaíba toda! Aqui é a orla pesqueira, o porto(...) Eu escolhi ela assim

porque...aqui hoje, essa orla, era onde, os pescadores tinham uns quartozinhos de guardar seus materiais, que é chamado



pelos indígenas de, tijupá...tijupá, é... que naquela época que tinha aldeia, era, não tinha, Petrobrás, não existia,



prefeitura, então os indígenas vivia de caça e pesca, e eles tinha a aldeia, a oca né? E o tijupá. O tijupá é aonde ele guardava seus matérias de caça e pesca... A gente tinha isso aqui, ai desmancharam pra dar visão a, a Cajaíba, desmancharam nossas casinha de guardar nossos materiais, tudo, hoje nós estamos assim oi, guardando nossos matérias debaixo de pé de pau, ai a turma roubando(...)



derrubaram nossas casas e nós estamos ai, ate hoje, lutando, brigando por um espaço...”(Seu Veinho)



CONCLUSÕES

Acerca da realização desta pesquisa, vale ressaltar que o trânsito nem sempre foi efetivado com facilidade. São dificuldades que se iniciam desde a complexidade das temáticas relacionadas à pesquisa, até a sua concretização prática.

A associação entre a pesquisa no ramo da História Oral e os estudos Etnoecológicos demonstrou-se ricamente diverso, orientando ainda mais os objetivos investigativos no que tange os saberes dos moradores do mar e de sua memória.

Sobre a cultura ribeirinha, com suas técnicas e subjetividade, que ressignificam valores dentro das estratégias de conservação ambiental e amplificam as possibilidades para que esta seja participativa, além de agregar a reprodução social-cultural destes indivíduos e de suas práticas.

Mediante as conquistas narrativas e as suas análises, foi possível desenhar uma grande rede de possibilidades investigativas positivas, fomentando algumas contribuições às bases da Educação Ambiental, não apenas no que tange a sua agregação, mas ainda ressignificações de sentidos e usos.

As fotografias representaram uma parcela significativa na busca pela compreensão dos elementos do cotidiano e da relação entre Homem e Ambiente em São Francisco do Conde, ampliando ainda mais o alcance do proposto no trabalho, inclusive, corroborando sua benéfica relação de aplicação com a História Oral.

O surgimento de duas novas categorias se mostra um passo importante nesta associação, tendo em vista as potencialidades do uso da imagem como ferramenta de resgate da memória/esquecimento. Como ainda, a própria realização da metodologia pelos pescadores, mostrou-se mais um rico mecanismo de auto-reconhecimento e consolidação da sua própria identidade.

Sendo assim, a continuidade deste trabalho, desta vez por mérito a riqueza da proposta e dos interesses dos pesquisadores, possibilitará ainda mais a compreensão destes resultados e do uso dessas metodologias.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, A., SAMAIN, E. Os argonautas do mangue. Precedido de Balinese Character (re)visitado. Campinas:Ed. Unicamp/ SP, 2004.

AMADO, J. e FERREIRA, M. M.. Usos & abusos da historia oral. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BANDEIRA, F. P. de S. et al., Estudo etnoecológico sobre a percepção das populações ribeirinhas dos ricos e impactos ambientais na Baía de Todos os Santos (BTS). Bahia: INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE – IMA, 2009.

BARDIN, L. (1997) Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.

BOSI, E. Memória e Sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF, 2007.

CASTELLUCCI JÚNIOR, W. Pescadores da Modernagem: cultura, trabalho e memória em Tairu, Bahia: 1960-1990. São Paulo: Annablume, 2007

DARBON, S. O etnólogo e suas imagens. In: SAMAIN, Etienne (Org.). O fotográfico. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

DUARTE, R. Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de Campo. Caderno de Pesquisa, Rio de Janeiro, n115, p.139-154, março de 2002.

FREIXO, A. A., TEIXEIRA, A. M. F. Caminhos da Memória: quando imagens e narrativas se encontram..., XXXII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, 2008.

GEERTZ, C., A interpretação das culturas. R.J. Zahar, 1978.

GODOY, A.S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas, Rio de Janeiro, v.35, n.2, p.57-63, abr./mar. 1995.

IBGE, 2009. Instituto Geográfico e Estatístico- IBGE. Perfil dos Municípios Brasileiros, Rio de Janeiro, 2009.

LE GOFF, J. História e Memória. Campinas, 5ed. SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 426

OLIVEIRA, A. L.; OBARA, A. T.; RODRIGUES, M. A.. Educação ambiental: concepções e práticas de professores de ciências do ensino fundamental. REEC. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, v. 6, p. 471-495, 2007.